

ANCESTRALIDADE E ENCANTAMENTO COMO INSPIRAÇÕES FORMATIVAS: FILOSOFIA AFRICANA E PRÁXIS DE LIBERTAÇÃO

Adilbênia Freire Machado*

“...vai além do visível, do pensável e do dizível¹”

RESUMO

Este artigo propõe-se a refletir acerca de uma práxis filosófica de libertação desde a filosofia africana que tem a ancestralidade e o encantamento como inspirações formativas. O encantamento é o ato de criar mundos, isso se dá no interior de uma forma cultural, desde um contexto e, aqui, o contexto escolhido para pensar uma práxis de libertação é o africano e afrodescendente. A ancestralidade é que permite se pensar uma cosmovisão africana, é conceito e práxis, feita a partir do nosso próprio chão. A formação é existencial e também cultural, processo de libertação que passa pelo aporte crítico, reflexivo, portanto, ter a ancestralidade e o encantamento como inspirações formativas é primar pelo homem que recria, que cria, que encanta e se encanta, pautados numa ética libertária.

Palavras-chave: Ancestralidade; Encantamento; Filosofia Africana; Formação e Práxis de Libertação.

* Mestra em Educação pela UFBA (Universidade Federal da Bahia); Bacharel e Licenciada em Filosofia pela UECE (Universidade Estadual do Ceará). Faz parte dos grupos de pesquisa GRIÔ: culturas populares, ancestralidade africana e educação, Formacce em Aberto: grupo de pesquisa em currículo e formação, ambos da UFBA. Pesquisadora do NACE (Núcleo das Africanidades Cearenses) e associada da ABPN (Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as). E-mail: adilmachado@yahoo.com.br

¹ Vanda Machado, 2013, p. 19.

**ASCENDENCIA E ENCANTAMIENTO COMO INSPIRACIONES FORMATIVAS:
FILOSOFIA AFRICANA E PRAXIS DE LA LIBERACIÓN****RESUMEN**

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la praxis filosófica de la liberación de la filosofía africana que tiene la ascendencia y el encantamiento como inspiraciones formativos. El encantamiento es el acto de crear mundos, que tiene lugar dentro de una forma cultural, de un contexto y, aquí, elegido para reflejar una praxis de liberación contexto es el africano y afrodescendiente. La ascendencia es quiene permite pensar una visión del mundo africano, es concepto y praxis, a partir de nuestra propia tierra. La formación es existencial e también cultural, proceso de liberación que pasa a través de la contribución crítica, reflexiva, por lo tanto, tener la ascendencia y el encanto como inspiraciones formativas es excel el hombre que re-crea que crea que encanta y delicias alinear una ética libertario.

Palabras-clave: Ascendencia; Encantamiento; Filosofía africana; Formación y Praxis de la Liberación.

1º. ATO – INTRODUTÓRIO

Este artigo propõe-se a refletir acerca de uma práxis de libertação refletida desde perspectivas contemporâneas da filosofia africana, tendo a ancestralidade e o encantamento como inspirações formativas. Compreendendo a filosofia como um modo de refletir, questionar e construir epistemologias, modo este oriundo de nossas experiências na imensa diversidade cultural que nos carrega, contempla e completa, a filosofia se faz no ato de observar e absorver, aprender e ensinar, na busca de tornar o mundo um espaço melhor para se viver, com-viver. Assim, desde a filosofia somos formados criticamente para agirmos com ética e respeito ao Outro, inclusive os nossos próprios outros.

A filosofia se faz, então, numa reflexão sucessiva, que leva a uma criação contínua, não apenas de conceitos, pois, segundo Deleuze e Guattari (1996), não é o suficiente que a filosofia defina-se apenas pela criação de conceito se nos isentamos de criá-los, “fazer conceito é questão de devir”, assim a filosofia se faz desde uma criação contínua de conceitos, além de

reflexões que levam a ações reais para o bem-estar, bem-viver² e a libertação concreta do homem. Ou seja, “filosofia é um *diálogo* argumentativo. (...) Só ganha sentido e significado se ela for elaborada num contexto de um diálogo intersubjectivo” (CASTIANO, 2010, p. 41), diálogo crítico onde a interação entre os sujeitos “deve ser na base tanto de textos escritos como orais. (...) A existência de textos escritos não é uma razão suficiente para excluir os textos orais do debate argumentativo” (IDEM). Desse modo, esta reflexão crítica pressupõe uma interpretação da realidade que aparece como contingente e não absoluta.

Se pensarmos a filosofia como Platão, ou seja, como “amor à sabedoria, ao conhecimento”, como o saber em proveito do homem, concluímos que onde houver seres humanos existirá conhecimento e possibilidades do seu acontecimento, haverá filosofia. Pois, mais importante que a filosofia é o ato de fazer / produzir / construí-la. Desse modo, não há um lugar que possa ser denominado centro absoluto e único da filosofia, pois:

a experiência humana é o chão inescapável para o começo da marcha rumo à sabedoria. Onde quer que haja um ser humano, há também a experiência humana. Todos os seres humanos adquiriram, e continuam a adquirir sabedoria ao longo de diferentes rotas nutridas pela experiência e nela fundadas (RAMOSE, 2011, p. 11).

O filosofar que se faz numa criação contínua de conceitos, uma criação crítica-reflexiva, não deve aparecer preso às normas de “outrens”, a conceitos e regras impostas por um chão que não pisamos, uma cultura que não é a nossa, faz-se em movimento, ainda que tudo é movimento, é desterritorializado, e a sua autenticidade está no pensar desde a cultura local, no resolver os problemas desde o próprio modo de ser / pensar / produzir, posto que a cultura “é um fenômeno discursivo, que tem suas

² Bem-Viver é um conceito filosófico oriundo da Filosofia da Libertação na década de 90. Segundo Euclides Mance (Revista Camponesa da AACCRN, 2013), “quando se trata da libertação e não apenas da liberdade, afirma-se que é necessário assegurar a todas as pessoas as condições econômicas, ecológicas, políticas, educativas, informativas e éticas para realizar as suas liberdades, tanto públicas quanto privadas”. O autor concebe que expandir as liberdades implica a realização do bem-viver de cada um e de todos. Bem-viver é então, “uma categoria filosófica muito importante para criticar toda forma de dominação e toda forma de libertação” (IDEM).

especificidades de uso em cada sociedade” (SODRÉ, 1988, p. 10). Eduardo Oliveira (2007), na sua “Semiótica do Encantamento”, atribui a fabricação de conceito como uma tarefa da filosofia, enquanto que a sua finalidade é o *encantar*. Daí a produção de conceitos ser uma consequência, e sua importância estar no sentido que se dá a tais conceitos, e não a ele em si. É o ressignificar! O encantamento é, então, o ato de criar mundos, mas isso não se dá no nada, dá-se no interior de uma forma cultural, desde um contexto e, aqui, o contexto escolhido para refletir uma práxis de libertação é o africano e afrodescendente, pois “a forma cultural africana é o encantamento” (OLIVEIRA, 2007) e é esse encantamento, além da ancestralidade, que nos permite ter a filosofia africana como objeto de estudo, ter, então, a práxis de libertação como desejo, saída da totalidade para o encontro com a alteridade, uma filosofia da alteridade, uma ética que tem a ancestralidade como guia.

2º. ATO – ANCESTRALIDADE

Inicialmente, a ancestralidade era uma categoria explicativa do pensar / fazer do povo de santo, considerada o “princípio fundamental de organização dos cultos de candomblé” (OLIVEIRA, 2007a, p. 128), assim rege todos os ritos, além das relações sociais no espaço interno e externo ao culto, passa a ser aquela que normatizará e legitimará as relações. Posteriormente, torna-se “um termo em disputa. [...] nos movimentos negros organizados, nas religiões de matriz africana, na academia e até mesmo nas políticas de governo” (IDEM, 2007, p. 247).

Desse modo, “a ancestralidade funciona também como uma “bandeira de luta”, uma vez que ela fornece elementos para a afirmação (também criação e invenção) da identidade dos negros de todo o país” (IDEM, p. 128), dessa maneira, ganha potência e passa a explicar um maior número de atividades ritualísticas, além de políticas e culturais, fora “alçada à categoria de princípio organizador” (IDEM, p. 96) de uma cosmovisão africana, ou seja, saiu da dimensão apenas religiosa para também agir na militância,³ esta que significa “implicar-se processualmente e *realizar*

³ Essa discussão acerca de uma “itinerância” da Ancestralidade que sai de dentro dos terreiros para atuar na sociedade geral é realizada por Eduardo Oliveira no seu livro “Ancestralidade na Encruzilhada”.

algo defendido numa perspectiva valorada, social e imaginariamente referenciada” (MACEDO, 2012, p. 33, grifos do autor), agindo também na educação, no todo da formação, sabendo-se que “tudo o que compõe o processo de formação é contingente, isto é, é produto de um contexto” (FLOR DO NASCIMENTO, 2006, p. 80), e que:

...talvez a tarefa iminente da formação não seja mais imprimir a forma, formar, mas antes *transformar*. Abrir a possibilidade de que as pessoas se tornem sempre outras, estejam em constante processo de modificação, de recusa de formas dadas, prontas e não pensadas. Não haveria, numa formação como transformação uma meta definida e inegociada a atingir. A constante autocrítica é a marca de uma formação como esta, uma formação não normalizadora, uma formação que seria uma ação [...] que não tenha um caminho seguro a ser trilhado, um caminho fixo, que não pode ser mudado; em outras palavras, sem um caminho dogmático. [...] Formação que vai desbravando caminhos (IDEM).

O que implica que “se a formação não for experiencial, não é formação” (JOSSO *apud* MACEDO, 2010, p. 18), ou seja, a formação é fruto da experiência, da nossa relação com o mundo. Desse modo, a ancestralidade tem o corpo como produtor de sentidos, como destinatário, pois o corpo, qualquer ele, define-se pelo seu contexto e este advém da experiência experimentada, pois que:

...na tradição de matriz africana pode-se afirmar que a inscrição do universo está no corpo. As marcas de identidade do parentesco religioso e social, étnico e político, são escorificadas no território corporal. Como solo sagrado ele receberá os sinais daquilo que lhe possibilita a origem e o destino. Será no corpo que os símbolos serão inscritos. [...] O corpo não é uma identidade segregada do mundo, do outro, de deus. O Corpo é equivalente à natureza e ao espírito. [...] O corpo é o emblema daquilo que eu sou, e o que eu sou é um construto da comunidade. [...] O corpo é um texto aberto para a leitura de quem o vê. O escritor é a comunidade. Portanto, meu corpo não é meu, mas um texto coletivo. [...] será sempre cheio de sinais, símbolos e marcas. O corpo é um vestígio dos valores civilizatórios do

grupo que nele escreve e nele se reconhece. O corpo social é a extensão do corpo individual (OLIVEIRA, 2007, p. 124).

Daí ser mais que necessário pensar desde o corpo, filosofar desde o corpo, reconhecê-lo como filosofia viva, pensamento vivo, movimento da cultura, extinguindo a separação entre a razão e a emoção. Pois que o corpo é o fio que tece a cultura, o conhecimento, as experiências, as relações e esse corpo é tecido pela ancestralidade, esta que é reconhecimento, é esse encontro com outro indivíduo, comunidade, com as “coisas do mundo”, além do passado, presente e futuro.⁴ É o encontro com nós mesmos, com as dobraduras do nosso corpo/sentidos. Não se pode definir corpo num conceito fechado / estático, pois ele é movimento:

...é mais que uma memória. Ele é trajetória. Uma anterioridade. Uma ancestralidade. [...] É movimento descontínuo e polidirecional. (...) Trata-se de inventar enquanto se resgata; trata-se de re-criar enquanto se recupera. Assim é o movimento do corpo e da cultura. A cultura do corpo não nos interessa. Trata-se, isto sim, de pensar a cultura desde o corpo, trata-se de filosofar desde o corpo, não sobre ou contra ele (IDEM).

O corpo não é objeto, é sujeito, é alteridade, está em contato direto com o Outro, assim tudo nos compõe, inclusive esse outro e, portanto, somos vários, somos o modo como o outro nos vê, como o outro nos sente, como nós mesmos nos mostramos e sentimos, nos diversos momentos do nosso cotidiano. Só é possível entender o Outro e a nós mesmos desde essa relação direta, esse contato com o outro. É com o corpo que se celebra o cotidiano do sagrado, o corpo é espaço do sagrado:

...o corpo afro-brasileiro que preza a possibilidade do grito na noite e do silêncio no dia, que dança a comunidade e privilegia a ancestralidade, no advento que descentra e reelabora o espaço não se define apenas em termos individuais, mas sim em nuances coletivas, em operações ritualísticas. Sedento por apropriação do mundo, abre-se à troca, entende o espaço lacunar como possibilidade de transformação e de expressão. Interessado

⁴ É importante salientar que na cosmovisão africana não se nega o futuro, apenas não trabalhamos com um futuro distante, mas um futuro próximo.

no diferente, que é desejado e não apenas tolerado, tal corpo passa a ser ele mesmo um território, que interpenetra-se e completa-se no cosmos (ROSA, 2009, p. 77).

O corpo traz inscrito em si a ancestralidade, o princípio fundador, raiz sentimental, que recria, atualizando-se na universalidade a partir de um contexto, manifestando-se nos costumes e nas tradições, com grande aporte na memória grupal e individual, nas suas manifestações materiais e imateriais, especialmente no seu fortalecimento pela identidade⁵ e preservação, pela integração e sua cultura. Ora, bem diz OLIVEIRA (2007) ao afirmar que “a cultura é movimento da ancestralidade”, e o “...conceito de cultura sofre alterações mui significativas quando pensado desde a matriz africana, reivindicando tanto a universalidade cara aos conceitos, quanto a singularidade válida para a experiência” (IDEM, p. 245).

Cultura é lugar de sentido, é o que codifica o mundo, é um conceito de suma importância para a construção de novas epistemologias, em nosso caso, a cultura encontra-se carregada de ancestralidade, pois aonde o homem vai leva parte do seu tecido cultural, das suas teias de sentidos, não apenas para refazer-se, mas para continuar existindo, reexistindo. Assim, quando os africanos chegaram ao Brasil, o primeiro exercício de sobrevivência foi tentar recompor o tecido cultural africano. Recolheram seus vestígios, seus traços, seus fragmentos e tentaram reelaborar, recompor a cultura do seu lugar de origem, o lugar mãe. Fora a ancestralidade que permeou e sustentou essa tentativa, pois o sentimento materno nos acompanha em todos os lugares. Essa busca da re-territorialização encontra-se no culto à tradição, assim como na possibilidade de continuidade do seu espaço e seu tempo histórico, tempo esse que é o dos ancestrais, seja no passado, seja no presente e até mesmo no futuro, pois o tempo da ancestralidade é o tempo do passado, do presente e de um futuro próximo. A tradição que não é algo parado, estático, que é movimento, é a malha que sustenta os princípios históricos produzidos por seu povo, num movimento dinâmico, trazendo novidades dos antepassados para o mundo contemporâneo.

⁵ Compreendo a identidade como um “pertencimento histórico-comunitário” (PETIT; RODRIGUES, 2012, p. 239). Ou seja, seria a concepção de “identificação” oriunda de Stuart Hall (2012) em que nossa “identidade” nunca está formada, é contingente.

Desse modo, a ancestralidade aparece como nossa guia, a referência maior, a lógica que organiza o pensamento africano recriado em solo brasileiro, ou seja, é ela que permite se pensar, refletir, recriar, criar e vivenciar continuamente uma cosmovisão africana, é conceito e práxis, feita a partir do nosso próprio chão. Regendo a lógica da cultura tradicional africana que traz sempre novidade, posto que conhecer, aprender a sabedoria dos antigos é atualizar, continuamente, o conhecimento. Tal conhecimento tem na oralidade um importante instrumento metodológico para a reconstituição e a continuidade da história local, é fundante para a conservação da tradição, dos mitos, das lendas, das histórias e é por meio dessa oralidade que a palavra se faz elemento produtor da história, formadora do cerne da comunidade, do indivíduo e de tudo que existe. É com a palavra que se educa, e:

...os ensinamentos referentes ao homem baseiam-se em mitos da cosmogonia, determinando seu lugar e papel no universo e revelando qual deve ser sua relação com o mundo dos vivos e dos mortos. Explica-se tanto o simbolismo de seu corpo quanto a complexidade de seu psiquismo: “As pessoas da pessoa são numerosas no interior da pessoa”, dizem as tradições bambara e peul. Ensina-se qual deve ser seu comportamento frente à natureza, como respeitar-lhe o equilíbrio e não perturbar as forças que a animam, das quais não é mais que o aspecto visível (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 184).

Ou seja, a oralidade apresenta-se como uma subversão constante, posto que é contingente, dinâmica e essa tradição oral é mantida por meio de histórias e mitos recontados e que, muitas vezes, são alterados em função do bem comum e em acordo com a realidade de cada comunidade.

O mito⁶ é lugar de fonte, e ao mesmo tempo em que significa a cultura, ele dispõe do seu repertório, a atualiza, movimenta-a, é encantamento! Ora, encantar é construir mundos, é recriar mundos. O encantamento dá-se no interior da forma cultural, é base para que o acontecimento ocorra, é

⁶ “por mais sociais e humanos que sejamos, os mitos africanos nos mantém conectados na unidade da natureza a que imitamos por nossa essência (...) o mito relaciona o indivíduo com a sua própria natureza e com o mundo onde o indivíduo faz parte” (PETROVICH; MACHADO, 2004, p. 24-25).

uma atitude diante da vida, e por isso a ética se faz seu princípio de valor, como exercício constante de inclusão no campo social, político e econômico.

3º. ATO – ENCANTAMENTO

O encantamento é aquilo que dá condição de alguma coisa ser sentido de mudança política e ser perspectiva de outras construções epistemológicas, é o sustentáculo, não é objeto de estudo, é o que desperta e impulsiona o agir, é o que dá sentido. É esse encantamento que nos qualifica no mundo, trazendo beleza no pensar/fazer implicado, posto que pensar desde o corpo é produzir conhecimento usando todos os sentidos, pois “se ao aprender envolvemos sensibilidades, sabemos também que *as sensibilidades aprendem. Se o ato de cuidar é acima de tudo um gesto ético-político, aí está imbricado também um gesto sensível que envolve o ato de aprender*” (MACEDO, 2013, p. 99, grifos do autor). É inspiração formativa, inspiração que cria e recria continuamente ao refletir as experiências. Assim, é recriação, é um processo de aprendizagem/formação contínua, dinâmica e diversa, é espaço de produção de conhecimento, é o que nos faz não ser alheio àquilo que produzimos, aquilo que está a nossa volta, pois tem um sentido político em ato, além do próprio sentido existencial.

Esse encantamento como inspiração formativa é sem começo e sem fim, é um movimento constante. E movimento é conhecimento, é vida, é da ordem do acontecimento, é papel/ação da ancestralidade, aliás, esta é a forma enquanto o encantamento é o seu conteúdo. É produtor de sentidos, criador de mundos. Ao falar do olhar encantado, Eduardo Oliveira (2006, p. 162) nos diz que:

O olhar encantado não cria o mundo das coisas. O mundo das coisas é o já dado. O Olhar encantado re-cria o mundo. É uma matriz de diversidade dos mundos. Ele não inventa uma ficção. Ele constrói mundos. É que cada olhar constrói seu mundo. Mas isso não é aleatório. Isso não se dá no nada. Dá-se no interior da forma cultural. O encantamento é uma atitude diante do mundo. É uma das formas culturais, e talvez uma das mais importantes, dos descendentes de africanos e indígenas. O encantamento é uma atitude frente à vida.

É do encantamento, dessa atitude frente à vida⁷ que nasce a Filosofia Africana,⁸ uma filosofia tradicional que traz novidade, posto que aprender as novidades dos antigos é sempre uma sabedoria atualizada, assim é uma filosofia que se abre para todas as possibilidades, é filosofia do sentido, da alteridade, da diversidade, encarando a diferença como atitude, buscando diversidade na unidade, reflexões e ações para o bem-viver, uma formação crítica e autocrítica. É uma filosofia que intenta compreender a complexidade existente no concreto, em vez de desvendar os complexos códigos que compõem a realidade. Eduardo Oliveira (2006, p. 160) diz que:

Da cosmovisão de matriz africana nasce a filosofia de matiz africana. Pensamento que se re-pensa, é certo, mas também vai além de seus domínios. Transborda as fronteiras do Si-Mesmo para encontrar a Alteridade. Reconhece que a filosofia é antes de tudo uma atitude. Uma Ética. Uma atitude ética baseada na sabedoria dos ancestrais. Por isso mescla racionalidade com encantamento; logos com mito; magia com ciência. A filosofia de matizes africanas é criativa e dinâmica. Cria seus próprios princípios e dinamiza sua experiência civilizatória para além do eterno retorno da tradição, para manter, atualizar e re-inventar sua forma cultural, para implementar seus projetos políticos.

A filosofia africana⁹ é uma filosofia de práxis, ligada ao chão, uma filosofia que compreende que “uma ética de libertação deve ser uma ética para os corpos, uma ética que defenda como princípio incondicional a manutenção, a preservação, a possibilidade de reprodução e o bem estar dos corpos” (PANSARELLI, 2010, p. 195). Corpos esses que só existem em comunidade, não é um ser individual, mas um ser que é à medida que está em comunhão com o outro.

Posso trazer, em acordo com pesquisas realizadas, alguns significativos objetivos da filosofia africana: o primeiro concebe que o conhecimento africano se dá no *significar a existência no mundo*. Consciência essa que leva o indivíduo a ser iniciador de novas ideias e assim promover perspectivas de outro mundo. Aqui encontramos pensamentos filosóficos

⁷ Essa atitude frente à vida que delinea a ética e a estética africana.

⁸ Referimo-nos a uma Filosofia Africana contemporânea, a partir da década de 40.

⁹ Vide: Adilbênia Machado (2012 e 2014).

de políticos engajados com as políticas de libertação e outras formas de governo com o fim da colonização. Um segundo objetivo encontra-se no interno de *formar indivíduos íntegros* que agem em comunhão com a sociedade em que eles vivem e se pensam no mundo respeitando a diversidade cultural, o universo, o outro indivíduo e natureza. Indivíduos íntegros que agem em busca de provocar mudanças das suas condições sociais e políticas. Objetiva ainda refletir a Filosofia como causadora de ideias e ideais libertadores, a filosofia aparece, então, como um *convite à emancipação*. Há ainda a busca da compreensão e da convicção de que *os africanos podem fazer uma filosofia de ponta*, capaz de formular correntes de pensamentos tão grandiosas quanto as filosofias europeias.

Observa-se que tais objetivos têm o encantamento como o fio que tece a teia dessa filosofia, onde o conhecimento se dá com o encantamento, com pessoas encantadas, que buscam transformar a realidade em que elas vivem, buscando mundos outros, mundos melhores! Esses objetivos implicam a ação do educar, o instruir o indivíduo para a vida e transformação da realidade, outras realidades desenhando-se, fazendo-se.

4º. ATO – IN-CONCLUSÕES FORMATIVAS

O ato de filosofar não é um papel estrito / restrito ao filósofo, mas sim um ato ligado à formação, que se faz na realização do indivíduo, com as experiências e os acontecimentos do cotidiano, pois a:

...formação aqui é percebida como o que acontece a partir do mundo / consciência do Ser ao aprender formativamente, isto é, transformando em experiência significativa (intencionada, com explicitada construção de sentidos e significados) acontecimentos, informações e conhecimentos que o envolvem (MACEDO, 2010, p. 29, grifos do autor).

O que significa que o ato de filosofar implica formação, como atitude é um processo ético, é relação, e é só por meio das relações que as aprendizagens acontecem. Assim, por ser da ordem da experiência e do acontecimento apresenta infinitas possibilidades e suas realizações são imprevisíveis, desse modo a “filosofia deve contribuir eminentemente para o espírito problematizador” (MORIN, 2001, p. 23), questionador da ordem

vigente e mais, visando-se como projeto de libertação e assim uma ética que prima pelo outro.

Pensar uma filosofia africana desde a ancestralidade e o encantamento como inspirações formativas é produzir sentidos desde as experiências, desde a práxis, para a práxis, ou seja, um movimento constante de potencialização das ações cotidianas em função de “um mundo melhor”, onde o outro não é um conceito abstrato, mas uma extensão de mim mesmo, onde esse outro é desejado. Assim, a filosofia africana que é uma filosofia afro-brasileira, uma filosofia da ancestralidade, é da ordem do acontecimento, da experiência e já dissemos que esta é o “fundante dos processos formativos” (MACEDO, 2010). A formação é existencial e também cultural, um processo de libertação pelo aporte crítico, reflexivo, portanto, ter a ancestralidade e o encantamento como inspirações formativas é primar pelo homem que recria, que cria, que encanta e se encanta.

Esse encantamento faz que nos responsabilizemos em produzir melhores análises críticas e reflexivas, ele não é só um desejo, mas um desejo que seduz a razão para a ação, para o enfrentamento das diversas opressões, do racismo, dos vários preconceitos e ações que impedem o bem-viver, a liberdade. Ou seja, esse encantamento aparece como função da ancestralidade, e essa teia da práxis da libertação se faz como um processo contínuo de conhecimento/formação que nos faz não sermos alheios àquilo que produzimos, à nossa cultura, “o encantamento é uma atitude de alteridade. Ninguém se encanta sozinho, ninguém encanta ninguém, encanta-se sempre em coletividade” (OLIVEIRA, 2007, p. 258).

O encantamento e a ancestralidade são conceitos que dialogam com múltiplas experiências, conceitos que representam o desejo e respeito pelo outro, pelo diverso. A filosofia africana pensa em torno do desejo de transformar a realidade, mas com inclusão e não exclusão, filosofia concreta que pensa em soluções e não se prende no “problematizar” e encontrar respostas metafísicas, é um discurso que se faz na e para a práxis. Filosofia que se faz nos processos formativos, estes que acontecem com o movimento próprio das experiências, das vivências, com o encantamento tem o seu próprio tempo, tempo esse conduzido pela ancestralidade, não adianta querer apressá-lo, pois só acontece no tempo “certo”, o tempo do aprendizado, aprendizados que também se constroem com errâncias,

construções e desconstruções contínuas, e o tempo certo também é o arriscar-se continuamente. O encantamento é o sentido para o meu existir! O encantamento é sentido para o existir! O encantamento é sentido que implica novos sentidos! Assim, a ancestralidade e o encantamento com as inspirações para os processos formativos e de práxis promovem uma filosofia africana que se faz como práxis de libertação.

“eu preciso do outro para ensinar para encantar,
para ser colocado no seu caminho, que é também o meu caminho”.

Vanda Machado

REFERÊNCIAS

BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. In: **História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África** / Editado por Joseph Ki-Zerbo, 2. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

_____. A tradição viva. In: **História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África** / Editado por Joseph Ki-Zerbo, 2. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

CASTIANO, José P. **Referenciais da Filosofia Africana**: em busca da intersubjectivação. Moçambique. Sociedade Editorial Ndjira, Lta, 2010, 1.a edição.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs** – capitalismo e esquizofrenia. VOL. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto – Rio de Janeiro: Editora 34, 1996 (Coleção TRANS).

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. **Pensando a Escola**: entre a formação e a liberdade. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, n. 6/7: mai./2006 – abr./2007, p. 76-100. Acesso em 4 de setembro de 2012.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade. In: SILVA, Tomás Tadeu (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais, 12. ed.

– Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Compreender/mediar a formação**: o fundante da educação. Prefácio de Marie-Christine Josso; apresentação de Jacqueline Monbaron-Houriet. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de Currículo e Formação**: o príncipe provocado. Revista Teias, v. 13, n. 27, 67-74, 2012. **Currículos**: Problematização em práticas e políticas. Disponível em: [http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=issue&op=view&path\[\]=56&path\[\]=showToc](http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=issue&op=view&path[]=56&path[]=showToc). Visitado em 6 de maio de 2012.

MACHADO, Vanda. **Pele da Cor da Noite**. Salvador: EDUFBA, 2013.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Filosofia Africana para Descolonizar Olhares**: Perspectivas para o Ensino das Relações Étnico-Raciais. # Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia, Canoas, v. 3, n. 1, 2014. Disponível em: <http://seer.canoas.ifrs.edu.br/seer/index.php/tear/article/view/197>. Acesso em 24 de junho de 2014.

_____. Filosofia Africana e Currículo: Aproximações. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, Brasília. Vol. 0, n. 18, maio de 2012. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/resafe/article/view/7027/5552>

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Filosofia da ancestralidade**: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

_____. **Ancestralidade na Encruzilhada**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007a.

_____. **Cosmovisão africana no Brasil**: elementos para uma filosofia afrodescendente. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.

OXÓSSI, Mãe Stella de. **ÒWE / PROVÉRBIOS**. Salvador/África, 2007.

PANSARELLI, Daniel. **Filosofia e práxis na América Latina**: contribuições à filosofia contemporânea a partir de E. Dussel. São Paulo: s. n., 2010. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Filosofia e Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. PETROVICH, Carlos. MACHADO, Vanda. **Irê Ayó: Mitos Afro-brasileiros**. Salvador: EDUFBA, 2004.

PETIT, Sandra Haydée; SILVA, Geranilde Costa e. **Memórias do Baobá**. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

ROSA, Allan Santos da. **Imaginário, Corpo e Caneta**: Matriz Afro-Brasileira em Educação de Jovens e Adulto. São Paulo: FEUSP, 2009 (Dissertação de Mestrado). Disponível em: http://www.edicoestoro.net/attachments/059_Imagin%C3%A1rio,%20Corpo%20e%20Caneta.pdf. Visitado em 2 de julho de 2011.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 2. ed., 1988.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos**. São Paulo: Odysseus Editora, 2003.